

**RESISTÊNCIA E A BUSCA POR UMA IDENTIDADE EM *THE  
AUTOBIOGRAPHY OF MY MOTHER***

Norma Diana Hamilton <sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo, partindo dos estudos de gênero e raça, discutimos a questão de resistência e busca por uma identidade no romance *The Autobiography of My Mother* da escritora afro-americana/caribenha Jamaica Kincaid. Nesse *bildungsroman*, a narradora Xuela Richardson, uma mulher negra, cuja mãe morre no momento em que ela nasce, conta sua história. A morte da mãe é um mistério para a narradora que busca regatar do silêncio a história da mãe e construir uma conexão com esta. O resultado dessa empreitada é, como o título da obra deixa entrever, uma integração das identidades de mãe e filha. É significativo também que, em seu longo processo de amadurecimento, Xuela expressa profunda liberdade sexual e controle sobre seu corpo. Com o receio de ter filhas/os que poderiam ser sujeitas/os à opressão que enfrenta, ela realiza um aborto autoinfligido, sangrento e doloroso, que a torna estéril pelo resto da vida. Determinada a desafiar os paradigmas de sua sociedade, esta personagem consolida suas capacidades de autodefinição e resistência, atingindo uma nova dimensão de ser, a de reexistência, na qual se autovaloriza e ganha força cada vez mais, para romper o ciclo da opressão.

**Palavras-chave:** resistência; identidade; raça e Gênero.

O objetivo deste artigo é discutir a questão de resistência e a busca por uma identidade no romance *The Autobiography of My Mother* da escritora afro-americana/caribenha, Jamaica Kincaid. Nesse *bildungsroman*<sup>2</sup>, a perspectiva é da adulta Xuela Richardson, uma mulher dominicana já com sessenta anos, de descendência africana, escocesa e nativa do Caribe, que reflete, a partir de sua identidade híbrida, sobre diferentes fases de sua vida, sua infância, adolescência e vida adulta durante o século XX. A divisão do romance em sete partes, sem numeração de capítulos, contribui para o efeito de continuidade do intenso monólogo interior e fluxo de consciência que a narradora desenvolve. Vemos na obra a estratégia da narrativa introspectiva, na qual a narradora fala para si mesma, o que aponta para a ausência de voz da mulher negra num mundo opressor.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Teoria Literária e Literaturas em Língua Inglesa pela Universidade de Brasília. Contato: diana\_hami@yahoo.com

<sup>2</sup> Narrativa que focalize o desenvolvimento e aprendizado da/do personagem principal.

Nesse complexo romance, parece haver uma busca de integração e conexão profunda com a mãe pela narradora Xuela. Ao mesmo tempo em que ela fala da mãe — sobre qual não sabe quase nada, mas que deseja regatar do silêncio — ela constrói a autobiografia, como se ela se identificasse com a mãe, e as duas fossem uma única pessoa. O próprio título da obra deixa entrever essa integração de identidades de mãe e filha. Em termos convencionais, a palavra *Autobiography* sugere que a obra se trata da vida do/da narrador/a. Pela colocação da sentença “*of My Mother*” junto a “*Autobiography*”, Kincaid desafia e desloca a semântica convencional desta palavra, o que captura o leitor, fazendo com que ele reflita um pouco mais. A integração das duas personagens estabelecida desde o título se mantém ao longo do livro: às vezes, parece que a obra vai ser sobre a mãe da narradora, mas não pode ser, em virtude do quase absoluto silêncio que envolve a morte desta. Portanto, a obra é na verdade, sobre a vida de Xuela.

Logo no início do romance, a narradora dá ao leitor as complexas emoções causadas pela morte da mãe, algo que ela busca entender sem sucesso. A ausência desta figura materna teve um impacto profundo e significativo em sua vida: “Minha mãe morreu no momento em que nasci, e, desse modo, durante minha vida inteira, não havia nada que me separasse da eternidade; às minhas costas sempre havia um vento sombrio e negro” (KINCAID, 1996, p. 3). A perda deixou profundas marcas em Xuela que se torna uma pessoa solitária, desde a infância.

Nos primeiros anos de vida, a narradora cresce em um contexto de hostilidade. Ainda recém-nascida, ela é abandonada pelo pai, Alfred Richardson, que a entrega à mulher que lava suas roupas — Ma Eunice, uma mulher negra, velha e pobre que, além de não dispor de uma estrutura adequada para cuidar de um recém-nascido, não tem forças para cuidar de mais uma criança. Xuela acaba recebendo apenas o mínimo de cuidados para sobreviver. Nessa fase inocente e de vulnerabilidade, ela pensa em diversos motivos pela ausência de seu pai e sonha com ele chegando a cavalo para buscá-la. Este sonho lembra as fantasias infantis construídas na tradição ocidental em relação aos príncipes encantados que vêm a cavalo para resgatar as moças em perigo, como em “Branca de Neve” e “Cinderela”. Essas histórias, que existem na fantasia de crianças, brancas principalmente, provavelmente faziam parte das leituras de Xuela na

escola. Observamos que as/os personagens dessas histórias são sempre brancas/os, o que reforça a negligência da representação de crianças e jovens negros. Sobretudo, as histórias reforçam a representação do homem como herói forte, salvador da mulher, a vítima fragilizada. Aos poucos, Xuela se liberta deste tipo de fantasia, e se torna uma mulher resistente, que não se deixa dominar por nenhum homem.

Ainda pequena, ela tem de escrever uma carta — como tarefa de escola — e decide escrever sobre seu amor pelo pai. Observamos o amor incondicional de uma criança inocente que continua amando, embora tenha visto o pai muito raramente. Com a carta, Xuela consegue a atenção deste homem que a leva para morar em sua casa com sua esposa. Entretanto, Xuela nunca se sentiu parte dessa família, tendo em vista que seu pai esteve sempre ausente; e além disso, ela teve um relacionamento difícil com a madrasta. Xuela desenvolve uma vida de solidão, sem receber qualquer apoio emocional destas pessoas.

Desde uma tenra idade, Xuela começa a perceber a importância dada aos valores eurocêntricos, e o impacto profundo desses valores no seu contexto social em geral, em suas experiências e nas maneiras pelas quais as/os dominicanas/os tratam um ao outro. Ainda criança, ela quebra um prato de Ma Eunice (a lavadeira que a criou), que tinha inscrito o desenho de uma província inglesa com a palavra escrita *Heaven* [Céu]. A reação de Ma Eunice demonstra o profundo valor sentimental que ela tinha pelo prato: ela chorou, puxando os cabelos e batendo no peito. Xuela narra que, “a tristeza que ela [Ma Eunice] expressou em função dessa perda me fascinou; foi uma angústia profunda, tão contundente, como se ela houvesse perdido um ente querido” (KINCAID, 1996, p. 8). Xuela percebe que não quebrou apenas um prato, mas que ela, de certa forma, rompeu o que para Ma Eunice era uma conexão significativa com o país representado nele, a Inglaterra.

Em relação à escola, Xuela destaca que as primeiras palavras que aprende a ler são *The British Empire* [O império inglês]. Ela mostra que as/os professoras/es dominicanas/os e os livros didáticos usados ensinam a crianças dominicanas a cultura e os valores das/os ingleses, em detrimento da cultura e dos valores afro-caribenhos. Ela e suas/seus colegas são obrigadas/os a falar o inglês padrão no contexto escolar.

A experiência de Xuela na escola relembra a “teoria de reprodução”, ligada ao conceito da violência simbólica, formulada por Bourdieu e Passeron (2009). Para os estudiosos, toda ação pedagógica representa uma forma de violência simbólica, tendo em vista que impõe um poder arbitrário. Nos processos de ensino e aprendizagem na escola, a cultura dominante é apresentada como cultura geral. Dessa forma, para as crianças oriundas das classes operárias, como no caso de Xuela, a escola representa uma ruptura no que refere aos valores e saberes de sua prática, que são desprezados, ignorados e desconstruídos na sua inserção cultural. Essas/esses alunas/os aprendem na escola novos padrões culturais, isto é, um novo jeito de pensar, falar, agir, enfim, enxergar o mundo. Isto pode ser visto como violência simbólica, uma vez que as crianças afro-caribenhas podem passar a menosprezar suas raízes culturais e seu passado. Isto também remete à concepção de Fanon em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, que mostra como as pessoas negras, neste caso, crianças negras, são ensinadas a internalizarem e reproduzirem as práticas sociais eurocêntricas, enquanto desconhecem e rejeitam sua herança cultural africana.

No romance, entretanto, conforme Xuela mostra, ela e suas/seus colegas de escola não aceitam a doutrinação da cultura europeia, embora, em sua tenra idade, não a compreendam dessa forma; elas/eles preferem falar o *French patois* [crioulo francês], “uma língua que não era considerada apropriada” (KINCAID, 1996, p. 16). Isto mostra uma resistência instintiva dessas crianças afro-caribenhas e seu desejo natural de manter sua linguagem, e, portanto, sua identidade, sua cultura. O imperialismo linguístico tem tido consequências duradouras em países caribenhos, onde o uso forçado da língua inglesa contribui para naturalizar a cultura e tradições inglesas como superiores àquelas da herança afro-caribenha. Entretanto, há uma resistência — também duradoura — da população caribenha em geral, que mantém sua língua nativa, como representado por Xuela e suas/seus colegas de classe.

Xuela mostra que existe uma ideologia por trás do ensino sobre os ingleses. Geralmente, eles são apresentados como valentes, belos e inteligentes. Isto pode ser uma forma de subjugação e opressão aos povos negros em geral, pois não se evidencia um discurso na escola, ou na sociedade como um todo, que busque resgatar identidades

positivas para as pessoas dominicanas. Em geral, estas pessoas são vistas — e se comportam — como subordinadas à Inglaterra política, econômica e culturalmente.

À medida que cresce, Xuela desenvolve uma consciência crítico-reflexiva em relação à naturalização da suposta superioridade do país colonizador. Apesar de seu contexto social em que as/os jovens são doutrinadas/os — quase sempre com sucesso — a valorizar e amar a civilização do opressor, ela consegue tomar uma atitude distanciada, como podemos ver em sua reflexão:

Essa história de pessoas que nunca conhecerei – [...] os britânicos – tinha por trás dela uma intenção maliciosa: de fazer com que eu me sentisse humilhada, submissa, pequena. Uma vez que identifiquei e aceitei essa malícia direcionada a mim, fiquei fascinada com essa expressão de vaidade: o perfume do próprio nome e das próprias ações é inebriante, isso nunca faz você cansar; isso é sua própria inspiração, isso é sua própria renovação (KINCAID, 1996, p. 60).

Xuela entende a extensão desse processo da internalização dos valores eurocêntricos em pessoas de sua comunidade e a dimensão das consequências para elas. Ela tem absoluta consciência da profundidade do dano a estas pessoas, e reflete sobre a complexidade e dificuldade de sua libertação. Em sua comunidade, os pais, inclusive o pai de Xuela, ensinam às/aos filhas/os a desconfiar e suspeitar de outras crianças negras, e tentam convencê-las a deixar de fazer amizade com estas crianças. A narradora expressa sua indignação em relação a isso:

Que essas pessoas que se pareciam tanto, que compartilharam uma história comum de sofrimento, humilhação e escravidão, são ensinadas a desconfiar um do outro – mesmo na infância – não é mais um mistério para mim. As pessoas das quais nós deveríamos ter naturalmente desconfiado, estavam completamente além de nossa influência; o que precisávamos para vencê-las, para nos livrar delas, era algo muito mais poderoso do que a desconfiança (KINCAID, 1996, p. 48).

A preocupação de Xuela em relação à naturalização de uma suposta superioridade das pessoas brancas — inglesas ou suas descendentes — e a inferiorização das pessoas negras nos remete ao que o pesquisador caribenho Christopher Charles e a feminista afro-estadunidense Yaba Blay (2011) denominam de “supremacia branca”. Isto é, um sistema de exploração e

opressão, historicamente construído, no qual as pessoas são classificadas hierarquicamente como “brancas” ou “não brancas” por pessoas que, em virtude da pigmentação clara de sua pele e de sua origem ancestral europeia, se classificam como “brancas” e superiores. Esse sistema de poder é estruturado e perpetuado para legitimar e manter as categorias raciais e proteger uma rede de riqueza, poder e privilégios. Os teóricos dizem ainda que, por ser um sistema, muitas pessoas participam da supremacia branca, e também por ser uma ideologia, muitas pessoas pensam, sentem, se comportam e operam de acordo com esta concepção, como algo natural. Charles e Blay trazem o exemplo do padrão de beleza estabelecido, salientando que a beleza é algo construído socialmente, que confere privilégios para quem a detém. “No contexto da supremacia branca, vemos que o poder funciona como hierarquia, onde o branco está no topo, associado ao belo, e a negritude, na base, associada ao que é bárbaro, negativo e feio” (CHARLES; BLAY, 2011, p. 7). Em *The Autobiography of My Mother*, embora a população seja formada por uma mistura de raças, com grande presença de grupos índios e negros, também se manifesta fortemente essa concepção de supremacia branca em relação ao paradigma eurocêntrico, onde os indivíduos que têm uma pigmentação de pele mais clara são mais valorizados, e têm mais privilégio e acesso aos bens públicos, como no caso do pai da narradora, Alfred, que também dá mais valor à sua origem europeia do que a africana.

Nascido de uma africana e um marinheiro escocês, Alfred herdou os traços de seu pai: pele rosa, cabelos vermelhos e olhos da cor cinza. Alfred demonstra em suas ações o espírito do colonizador inglês. A opinião de Xuela sobre o pai, antes visto como herói salvador na sua infância, transforma-se radicalmente:

Meu pai rejeitou as complicações dos vencidos; ele escolheu a facilidade do vencedor. [...] ele desprezou todos que se comportavam como as pessoas africanas: não todos que se pareciam com eles, apenas aqueles que se comportavam como eles, aqueles que eram vencidos, derrotados, conquistados, pobres, doentes, ajoelhados, fragilizados por crueldade. [...] E se existiu no meu pai alguma vez o vencedor e o vencido, agressor e vítima, ele escolheu, não surpreendentemente, o manto do primeiro, sempre o primeiro [...] (KINCAID, 1996, p. 186-192).

Percebemos um juízo de valor na fala da narradora que analisa com desprezo a maneira de agir de seu pai. Ela gostaria que seu pai se identificasse com a luta contra a

ideologia dominante e a consequente opressão dos povos dominicanos. Entretanto, ao longo do romance, ela se decepciona cada vez mais com ele, que persiste adiante com determinados princípios do colonizador para o próprio benefício. É mais conveniente para Alfred resolver seus conflitos interiores, ao se aliar com os fortes. Sua profissão como policial e, mais tarde como político, lhe confere muito poder. Xuela revela que ele é um policial corrupto e ladrão, que se enriquece pela exploração das pessoas pobres e mais fragilizadas. Ele internalizou os valores da cultura capitalista europeia de forma egoísta e desonesta.

Alfred sempre conta histórias sobre seu pai, John Richardson: sua origem, seu comportamento, suas aventuras. Este foi comerciante de rum que vivia em diferentes países caribenhos colonizados pelos ingleses. Teve muitos filhos — eram todos meninos — com diferentes mulheres em toda parte onde vivia. Alfred contava que todos os filhos herdaram o cabelo vermelho de seu pai escocês, algo tão especial que os enchia de orgulho. É importante refletirmos aqui sobre a questão da exploração sexual, sobretudo das mulheres negras. Na sociedade dominicana, era comum que homens brancos e seus descendentes se aproveitassem do grupo de pessoas mais vulneráveis, as mulheres, afrodescendentes e nativas, seduzidas ou abusadas sexualmente, e quase sempre abandonadas quando engravidavam.

Em relação à mãe dele, Alfred não tem histórias a contar. “Ela era uma mulher da África — onde exatamente na África, ninguém soube dizer. E qual o sentido de descobrir? ” (KINCAID, 1996, p. 49), Xuela reflete com tristeza e sarcasmo. O comportamento de Alfred é lastimável e bem sintomático da atitude de homens como ele. Ele valoriza um pai com quem não conviveu e ignora a mãe, que o criou. A mãe “permaneceu para ele sem características claras” (KINCAID, 1996: 183). Apesar de seu papel fundamental na concepção, gestação e cuidados das/dos filhas/os, essas mulheres são ignoradas e esquecidas. Os valores de Alfred espelham uma cultura patriarcal eurocêntrica, a qual Xuela tem como referência em seu processo de aprendizagem e amadurecimento. Naturalmente, ela desenvolve um sentimento de rejeição a essa cultura, na qual as mães e as mulheres em geral são pouco valorizadas.

Em casa, o filho de Alfred é tratado de forma privilegiada pelos pais, enquanto a filha Elizabeth e Xuela são negligenciadas, uma atitude, infelizmente, ainda observada em muitas culturas contemporâneas.

[...] ela [a madrasta] me deixou sozinha e valorizou seu filho mais que sua filha [Elizabeth]. O fato que ela não deu muita consideração para a pessoa mais parecida com ela, a filha, uma menina, foi tão normal que teria sido percebido somente se fosse o contrário: para pessoas como nós, menosprezar tudo que era parecido mais conosco era quase uma lei da natureza. [...] ela deu mais valor ao filho, porque ele não era como ela: ele não era menina, ele era menino (KINCAID, 1996, p. 52-53).

Na reflexão de Xuela sobre a forma de agir de seu pai e de sua madrasta, observamos a questão de papéis de gênero nessa família: Elizabeth é enviada a um internato católico — embora a família não fosse católica, como aponta a narradora. Notamos o desejo dos pais de que a filha aprenda a ser doce, passiva, submissa, uma ‘boa’ esposa no futuro, de acordo com os valores patriarcais que eles seguem sem questionamentos. Entretanto, assim como Xuela, Elizabeth demonstra uma atitude de resistência ao patriarcalismo que oprime as mulheres. Sem o conhecimento de seus pais, ela desenvolve um relacionamento com um rapaz de sua vizinhança. Um dia, ao deixá-lo após um encontro amoroso, ela cai com sua bicicleta em um precipício e se torna paraplégica. A paralisia dessa jovem mulher, antes apenas simbólica, torna-se física também. Seu amante nunca a visita no hospital, apesar de ter recebido notícias do acidente. Meses depois, a família de Alfred o encontra e convence a casar-se com Elizabeth. A narradora deixa claro que ele aceita a proposta do casamento com a intenção de enriquecer. Anos depois, Elizabeth tem de lidar com um marido infiel, promíscuo e desumano. Como tantas outras, Elizabeth aceita o destino cruel das mulheres nessa sociedade, e a dificuldade de romper esse ciclo da opressão.

O filho de Alfred nunca é mandado embora de casa. Ele é visto como herdeiro da família, e recebe toda a atenção dos pais. Mais uma vez, Xuela exprime seu desprezo pela atitude de seu pai em valorizar mais a ascendência inglesa e o filho homem que representa, para ele, a continuidade de sua posição privilegiada. Mais uma vez, Xuela



consegue ter uma visão crítica desta condição, o que a distingue das demais pessoas com as quais convive.

Alfred foi seu nome; ele recebeu o nome de seu pai. Seu pai, meu pai, recebeu o nome de Alfred o Grande, o rei inglês, um personagem que meu pai deveria ter menosprezado, porque ele conheceu esse Alfred não pela linguagem do poeta, o que seria a linguagem de compaixão, mas pela linguagem do conquistador. Meu pai não foi responsável pelo próprio nome, mas foi responsável pelo nome de seu filho. O nome dado a seu filho foi Alfred. Talvez meu pai imaginasse uma dinastia. Foi ridículo apenas para alguém excluído de seu meio, alguém como eu, alguém feminino; qualquer outra pessoa entenderia completamente. Ele havia se imaginado vivendo continuamente pela existência de outra pessoa (KINCAID, 1996, p. 110).

Observamos que, ao longo do romance, temos a sensação de que Xuela está deslocada naquilo que narra, é a verdadeira posição do/da narrador/a fora-e-dentro [*outsider-within*]. Sentimos seu distanciamento geral em toda a história: quando ela fala do pai, da escola, de encontros sexuais, e demais experiências que marcam sua vida, narrada por ela mesma. Embora ela esteja inserida nesse contexto, parece não fazer parte dele. Ela não se encaixa e não quer participar dos valores e do estilo de vida daquelas/es com as/os quais vive.

Entretanto, percebemos um envolvimento intenso da narradora quando ela fala da experiência dolorosa, e sobretudo, misteriosa do seu nascimento, e ao mesmo tempo, da morte da mãe. Podemos sentir a aflição da narradora pela escolha de suas palavras, sua repetição incontida e seu constante questionamento em relação à perda da mãe:

Como explicar esse abandono, qual criança pode entender? Essa ligação, **física e espiritual** que dizem que uma mãe tem para sua/seu filha/o, essa confusão de quem é quem, carne e **carne**, essa **inseparabilidade** que dizem existir entre mãe e filha/o – tudo isso não existiu entre minha mãe e a mãe da minha mãe. Como explicar esse abandono, qual criança pode entender? Essa ligação, física e espiritual, essa confusão de quem é quem, carne e carne, não existiu entre minha mãe e a mãe dela, também não existiu entre minha mãe e eu, porque ela morreu no momento em que nasci, e embora eu possa dizer a mim mesma de forma racional que tal coisa é inevitável – pois quem pode fugir da morte – novamente, como alguma criança pode entender tal coisa, um abandono tão profundo? (KINCAID, 1996, p. 199, grifos nossos)

A partir de uma perspectiva psicanalítica, sentimos que Xuela ainda não conseguiu separar-se da mãe, pois ela não passou pelo processo no qual, após o

nascimento, a criança vai constituindo a identidade própria, independente da mãe. Em seu livro *O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação* (1977), a psicóloga húngara Margaret Mahler e seus colaboradores Fred Pine e Annie Bergam denominam o processo de separação-individuação que se refere ao nascimento psicológico e a aquisição de um funcionamento autônomo da/do bebê na presença da mãe. Para as/os estudiosas/os, a partir dos quatro meses de vida, a criança começa um longo processo de desligamento da fusão simbiótica com a mãe e se apropria de características individuais.

É durante a primeira subfase de separação-individuação que todos os bebês normais dão seus primeiros passos hesitantes em direção à libertação, num sentido corporal, de sua, até então, completamente passiva condição de bebê de colo — o estágio de unidade dual com a mãe (MAHLER et al, 1977, p. 75).

O desaparecimento da mãe de Xuela na hora que ela nasce dá a sensação que ela nasceu sozinha, ou que ela e a mãe ainda são uma só. O título reflete bem esta condição de integração de ambas. Xuela não compreende essa perda; é um mistério para ela, mas sente que isso tem grande impacto em sua (re)construção de uma identidade:

Quem era eu? Minha mãe morreu no momento que eu nasci. Você não é nada ainda no momento em que você nasce. Esse fato da morte da minha mãe no momento em que nasci se tornou um motivo central da minha vida. Não consigo lembrar quando soube desse fato da minha vida pela primeira vez, não consigo lembrar até quando eu não sabia desse fato da minha vida; talvez fosse no momento que eu pudesse reconhecer minha própria mão, mas não havia momento algum que eu me lembrasse que não me conhecia completamente (KINCAID, 1996, p. 225).

A questão de identidade se destaca na busca da narradora em entender a ligação com a mãe. Observamos seu desejo de dar vida, dar voz à mãe, e a impotência dela em fazer isso, pois o passado que envolve sua mãe é marcado pelo silêncio, e sua morte está cercada de mistérios. A narrativa de Xuela pode ser entendida como uma tentativa de construção de uma conexão ancestral matrifocal para reforçar sua identidade, como mulher e como negra, tentando não romper a rede de apoio que a ajudaria a sobreviver.

Dessa forma, as reflexões de Xuela ao longo do livro parecem ser uma busca de reconstruir, na ausência, a presença da mãe. É como se a narradora buscasse escrever sua própria história a partir da construção de uma história sobre sua mãe; como se ela não estivesse falando de si mesma. Isto constrói uma sensação de estranhamento, o *Unheimlich*. Este termo alemão, conforme explica a pesquisadora Cristina Stevens (2015), refere-se à sensação de familiaridade associada ao mistério do desconhecido, o que gera, simultaneamente, um sentimento de ameaça, terror, ansiedade, saudade de casa, ou seja, do útero, de voltar ao não-ser. Parece que a incessante busca de Xuela para uma compreensão da ausência da mãe envolve uma busca de algo que ela, uma vez, sentiu como familiar, íntimo, mas que ela não consegue resgatar, nem compreender; isto impulsiona a sua busca por ela mesma, e por sua mãe ao mesmo tempo.

A reconstrução da presença da mãe é complexa, inalcançável. O pouco que Xuela fala sobre ela ocupa não mais que seis parágrafos, não consecutivos, no livro todo. O primeiro parágrafo que dá informações sobre a mãe aparece só na página 79 — já transcorridos mais da metade do romance. O nome de sua mãe era Claudette Desvarieux, um nome francês misterioso, como toda a vida desta enigmática mulher. Esse nome foi dado por uma freira que a encontrou do lado de fora de um convento. A mãe de Xuela havia sido abandonada pela mãe, quando tinha apenas um dia de vida. O resto do parágrafo explica como Xuela ganhou esse nome, também misterioso: “Xuela” foi escrito nos panos em que sua mãe estava embrulhada quando foi encontrada pela freira, e o pai de Xuela lhe deu esse nome” (KINCAID, 1996: 80). A motivação de seu pai por esta escolha, também é desconhecida, mas é ele que une indelevelmente a filha à mãe. A narradora imagina que seu pai amava muito sua mãe e que, naquela época, ele era uma pessoa sentimental e afetuosa.

Na infância, Xuela sonhava com a imagem de sua mãe, que ia ao seu encontro. A mãe “descia de uma escada, com apenas os calcanhares e a bainha de seu vestido branco visíveis” (KINCAID, 1996, p. 31). Parece que, em seu sonho, Xuela diviniza sua mãe, como forma de buscar forças para sobreviver em seu contexto opressor e manter intacta esta união, como maneira de reforçar a identidade negra que o pai procura eliminar. Como ela própria reflete, “Eu a via a noite inteira no meu sonho. Ela cantava

[...]. O som da voz dela foi como um pequeno tesouro encontrado num baú abandonado, um tesouro que inspira contentamento e prazer eterno” (KINCAID, 1996, p. 31).

Este cenário relembra as ancestrais cultuadas nas tradições religiosas africanas. Como a pesquisadora brasileira Vania Vasconcelos explica, os orixás femininos, Nanã, Iemanjá, Oxum, Obá, Euá, e Iansá exercem muito poder e lembram a força reverenciada das mães primordiais. Segundo Vasconcelos, Nanã e Iemanjá estão associadas ao exercício de maternidade e a lendas de criação. Nanã é representada como uma anciã, guardiã do saber ancestral. Em algumas lendas de criação, ela é apresentada como fornecedora da lama com a qual se formou o ser humano (VASCONCELOS, 2014). Os orixás femininos têm grande importância nas tradições religiosas africanas. Isto é diferente das mulheres na tradição cristã, como por exemplo Maria, mãe de Jesus, vista como uma mulher submissa e passiva, capaz de engravidar “sem pecado”. Por sua vez, Eva, o oposto de Maria, é representativa da mulher desobediente, que é sinônimo de pecadora, e foi punida com a mortalidade por seu pecado da desobediência ao patriarca.

Xuela não consegue ver o rosto da mãe no seu sonho recorrente. Isso nos remete novamente à dificuldade de escrever, não apenas sobre a mãe, mas também sobre as/os ancestrais africanas/os em geral. Mais uma vez, a forma narrativa se identifica com o conteúdo: não há informações que Xuela possa encontrar sobre os povos nativos caribenhos, assim como os povos africanos, pois foram negligenciados na historiografia tradicional. Suas experiências e histórias pessoais foram distorcidas ou apagadas, e são recuperadas apenas em sua (re)construção ficcional:

Essas pessoas estavam esperando ser engolidas pelo grande bocejo do vazio, do nada [...]; mas a parte mais angustiante é que não foi por sua culpa que perderam, e perderam de forma extrema; perderam não apenas o direito de ser elas mesmas, mas também, elas se perderam. Isso é minha mãe. Ela era alta (me disseram – não a conheci, ela morreu no momento em que nasci); [...]" (KINCAID, 1996, p. 198).

Esse comentário final é repetido várias vezes no romance, o que reforça a falta de conhecimento da mãe e dos povos africanos e nativos caribenhos, que a narradora busca representar. É como se ela trouxesse a questão: como posso escrever sobre essas pessoas se não tenho conhecimento sobre elas?

Ao longo da narrativa, Xuela reflete sobre a rejeição dela pelo pai. Ainda criança, ela é mandada embora da casa do pai, assim como Elizabeth. O pai arranja com um antigo colega, um homem abastado, Sr. Labatte, e sua esposa, para Xuela ficar hospedada em sua casa. O casal é representado como não negro; é mais provável que essas pessoas sejam brancas ou descendentes de brancos. Xuela retrata Sra. Labatte como uma mulher oprimida, aniquilada pelo marido ao longo dos anos:

Ele usou contra ela a força da arma que levava entre as pernas, e ele a desgastou. Seu cabelo era branco, não devido à sua idade. Assim como tantas coisas sobre ela, seu cabelo havia perdido a vitalidade, deitado em sua cabeça sem vida [...]. Eu pensei, Isto nunca deveria acontecer comigo [...] Eu senti forte e senti que sempre serei assim [...] (KINCAID, 1996, p. 65).

Observamos a determinação da narradora, desde cedo, em não se deixar ser dominada por nenhum homem. Ela mantém esta atitude ao longo da vida. Já adulta, ela se apaixona uma única vez por um homem negro dominicano que é casado. A esposa deste homem acaba descobrindo a infidelidade do marido e ataca Xuela, que é capaz de pôr um ponto final no relacionamento com esse homem, sem olhar para atrás, apesar de seus sentimentos de amor e paixão por ele.

Aos 15 anos, Xuela é seduzida pelo Sr. Labatte, o novo guardião, amigo de seu pai. A esposa deste homem é consciente dos abusos sexuais em sua casa e não reage para impedi-los. De fato, ela os encoraja com a esperança de ganhar um bebê, tendo em vista que ela não pôde tê-los. Observamos aqui a violência articulada à interface de raça e gênero, onde há uma exploração da mulher negra também pela mulher branca. É importante destacar aqui que Xuela não sofre em função da exploração sexual; pelo contrário, ela tem controle dessa condição, exercendo sua sexualidade sem culpas e enxergando esses momentos como prazerosos, sem se apaixonar.

Xuela não se submete ao desejo de Sra. Labatte de ganhar um filho. Quando ela engravida, ainda adolescente, decide abortar, o que também demonstra seu controle sobre o corpo. O aborto é autoinfligido, sangrento e doloroso, que a torna estéril pelo resto da vida. Vale ressaltar que a cena do aborto é bem significativa, porque a descrição de processos corporais comum às mulheres é raramente encontrada na literatura; menos

ainda quando se trata de aborto, uma experiência marcada por inúmeros tabus e resistências, e ainda criminalizada na maioria dos países. Ao contrário, a maternidade aparece de forma idealizada, como realização maior para as mulheres<sup>3</sup>, experiência em profundo contraste com aquela vivida por Xuela:

Eu não tinha o cheiro dos mortos, porque para algo ser morto, teria que ter vida antes. Só fiz a vida que estava começando em mim, não morta, apenas não ser. Senti uma dor entre minhas pernas; começou no abdômen inferior e no lombar e desceu nas pernas, essa dor. Eu estava molhada entre as pernas; eu senti a umidade; foi sangue novo e velho. O sangue novo tinha o cheiro de um mineral escavado recentemente que ainda não havia sido refinado e se tornou algo terreno, algo que poderia ter um valor atribuído. O sangue velho tinha o cheiro fedorento, podre e doce, e isso eu amei e respirei fundo quando dominou os outros cheiros no quarto; talvez eu só amei porque era meu. (KINCAID, 1996, p. 90-91).

Esta experiência difícil também é analisada com frieza por Xuela, que mantém controle absoluto sobre seu corpo. Ela exprime sentimento de amor e desejo por seu corpo, diferente da sensação que a maioria das mulheres teria nesse contexto sangrento. O texto pode parecer chocante pela crueza das palavras da narradora, como se ela estivesse fazendo uma autópsia em seu corpo vivo. Entretanto, ao mesmo tempo, observamos que é uma das poucas vezes no qual sentimos sua entrega, perdendo o distanciamento que sentimos ao longo da narrativa. Quando ela fala dos seus processos dolorosos como nesse caso, ela mostra um intenso envolvimento.

Sobretudo, percebemos que a atitude de Xuela se diferencia de muitas mulheres negras oriundas da classe operária, cujos corpos são explorados não apenas pelo homem branco, mas também pelo homem negro. Lembramos as mães escravas que pariam as/os filhas/os bastardas/os, que seriam vendidas/os logo após seu nascimento. No caso de Xuela, sentimos em suas reflexões sobre seus processos e experiências dolorosas que ela expele tudo que busca dominá-la. Não sentimos que ela esteja explorada, nem como negra, nem como mulher. O único amor que ela tem — além do amor para si mesma — é pela mãe, que ela não conhece e que continua um mistério para ela.

---

<sup>3</sup> Veja STEVENS, Cristina. "The body of the mother in contemporary black women narratives: (re)writing immanence towards transcendence." *Iha Desterro* [online]. 2015, vol.68, n.2, pp.93-101. ISSN 0101-4846. <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8026.2015v68n2p93>.

Xuela se recusa ser mãe. Sua negação da maternidade pode ser considerada um ato de resistência contra a opressão que sofre em sua sociedade. No mundo ocidental, os discursos sobre o corpo das mulheres e seus processos corporais têm sido utilizados contra elas por muito tempo. A historiadora e feminista brasileira Tania Swain (2007) observa que as mulheres têm sido reduzidas aos seus corpos e consideradas matéria-prima para a reprodução. Em seu artigo “Meu corpo é um útero?”, Swain afirma que todo discurso que reduz o corpo das mulheres e seus processos à natureza, faz a maternidade a essência do ser. Para ela, a representação da maternidade produzida por discursos patriarcais limita a autonomia das mulheres.

Tecida em uma densa rede discursiva que imbrica memória, tradição e autoridades diversas, a representação da ‘verdadeira mulher’ mãe/esposa/ dona de casa é ainda em nossos dias a imagem da maioria das mulheres. A multiplicidade que compõe o desejo e a experiência das mulheres é esquecida pelo efeito homogeneizante da imagem do mesmo (SWAIN, 2007, p. 211).

Percebemos que, no ponto de vista de Xuela, os valores ligados à maternidade são opressivos para as mulheres negras. Ela deseja quebrar esse ciclo opressor, evitando a maternidade, pois ela não quer dar continuidade a essa história que oprime as pessoas negras.

Durante anos e anos, cada mês meu corpo incharia um pouco, imitando o estado de maternidade, desejando engravidar, lamentando a decisão do meu coração e da minha mente de nunca trazer uma criança ao mundo. Eu me recusei a pertencer a uma raça, eu me recusei a aceitar uma nação. Eu queria apenas, e ainda quero, observar as pessoas que fazem isso. O crime dessas identidades que conheço agora mais do que nunca, não tenho a coragem de criar. Desse modo, sou nada? Não creio que sim, mas se nada é uma condenação, então eu preferia ser condenada (KINCAID, 1996, p. 226).

Além da recusa de ser mãe, Xuela resiste à sua realidade opressora de diferentes maneiras. Aos 18 anos, ela começa a trabalhar, ampliando o espaço limitado reservado às mulheres e ocupando o espaço público destinado tradicionalmente aos homens. Ela consegue um emprego na construção de uma rodovia em sua cidade. Vestida como

homem, ela trabalha ao lado de homens. Esse emprego lhe ajuda a tornar-se uma pessoa mais independente e segura de si.

Em seu processo de autorreflexão e crescimento, uma das perguntas que ela coloca é, “o que faz com que o mundo se vire contra mim e contra todas que se parecem comigo?” (KINCAID, 1996, p. 132). Ela percebe que essa não é uma pergunta que homens poderosos, como seu pai, se fazem e que as respostas não são fáceis de encontrar: “quando faço essa pergunta, uma resposta que encherá páginas e volumes de um livro não aparece para mim” (KINCAID, 1996, p. 132). Ou seja, ela não consegue achar motivos compreensíveis ou aceitáveis para esses valores de uma sociedade que mantém o injusto controle e opressão das pessoas negras, sobretudo, das mulheres negras. A reflexão de Xuela relembra a narradora Claudia em *The Bluest Eye* (1970) da escritora afro-americana Toni Morrison, que desmantela sua boneca branca, na tentativa de achar no seu interior um núcleo que explique a razão de ser a boneca preferida pelas crianças brancas e negras em geral. Claudia percebe que não existe uma substância identificável na boneca que ela possa destruir; entretanto, a boneca branca dispõe de um valor simbólico incalculável. Assim como Claudia, a indignação e indagação de Xuela indicam sua tomada de consciência, que explica sua rejeição da realidade opressora na qual vive. Essas mulheres, que não se encontram apenas no mundo ficcional, estão inseridas num mundo pós-colonial, e representam uma nova fase em contínuo processo de resistência, empoderamento e superação da opressão que enfrentam.

Xuela se casa com um inglês branco, o que parece ser irônico, até que percebemos seus motivos vingativos. Ela revela que não o amou: “Ele não se parecia com alguém que eu podia amar, não se parecia com alguém que eu deveria amar, portanto, determinei que não podia amá-lo e determinei que não deveria amá-lo” (KINCAID, 1996, p. 152). Observamos sua resolução de não se apaixonar por esse homem que tanto a amou. Naturalmente, ele sofre em função da rejeição e da incapacidade de Xuela de amá-lo. Xuela, por outro lado, lida com o relacionamento como forma de exercer sua liberdade sexual. Isto é, diferente dos valores ideológicos acerca da mulher, ela consegue desenvolver uma vida sexual prazerosa e libertadora, sem ter alguma ligação sentimental o parceiro. Diferentemente de Sra. Labatte e de



outras mulheres, Xuela não aceita se tornar submissa aos homens com os quais ela se relaciona.

Quando Xuela conhece seu marido inglês pela primeira vez, ele era casado com uma inglesa branca, a qual Xuela descreve como: “[um] ser humano frágil que formou um sentido de quem ela era a partir do poder de seu país de origem, um país que, ao seu nascimento, tinha a capacidade de determinar a existência diária de um quarto da população do mundo ...” (KINCAID, 1996, p. 208). A narradora destaca a atitude e sentimento de superioridade dessa mulher em relação às mulheres dominicanas. A inglesa se refere àquelas mulheres como *woman* [mulher], mas chama a si mesma de *lady* [senhora]. Conforme a narradora explica, para esta inglesa, as mulheres dominicanas eram apenas mulheres; elas têm “uma breve definição: dois seios, uma pequena abertura entre as pernas, um útero; nunca variam e estão sempre no mesmo lugar. [A inglesa] nunca iria se descrever dessa forma [...]” (KINCAID, 1996, p. 159).

Assim como o discurso patriarcal vincula as mulheres em geral à imanência do corpo, esta mulher branca reduz as mulheres negras aos aspectos do corpo feminino que podem ser usados como objeto para exploração e prazer do homem. Elas são descritas quase como animais, sem nenhuma complexidade psicológica individual que distingue os seres humanos entre si, e que os diferencia dos animais. A inglesa as enxerga como objetos à sua disposição, e não como seres humanos que pensam, que também têm histórias e experiências de vida complexas. Inserida numa posição privilegiada nessa sociedade patriarcal e racista, a inglesa não consegue ver as negras como mulheres iguais a ela. Mais uma vez, notamos a opressão articulada à interface de raça e gênero. Vale salientar que o poder que a inglesa busca manter em virtude de sua cultura é ilusória, tendo em vista que ela como mulher é inferiorizada na própria cultura. Seu marido inglês não lhe dá valor, se apaixonando por outra mulher.

Observamos mais uma vez, o discurso crítico de Xuela que se posiciona criticamente quanto à maneira como a inglesa inferioriza as mulheres negras. Ela percebe a inveja desta mulher, cuja cultura prescreve que ela seja casta e frágil. Xuela não aceita ser dominada por ela. Ao contrário, ela investe na autoafirmação, procurando sempre cultivar uma boa autoestima. Ela mostra que é capaz de encontrar a força dentro de si para resistir à opressão do colonizador:

Meu próprio rosto foi um conforto para mim, meu próprio corpo foi um conforto para mim, e não importava o quanto me ficaria decepcionada com alguém ou por qualquer coisa, no final, não deixei nada substituir meu próprio ser na minha própria mente (KINCAID, 1996, p. 99-100).

Nesse último estágio de seu processo de desenvolvimento, Xuela consolida suas capacidades de autodefinição e resistência. Este *bildungsroman* encerra apontando para um futuro promissor. Xuela está determinada a continuar desafiando os paradigmas de sua sociedade e se assegura de que sim, ela pode ser mulher e ser forte; ela pode ser negra e ser bela. Desse modo, ela transcende a opressão real e psicológica de seu mundo cruel. Ela atinge uma nova dimensão de ser, a de reexistência, na qual se autovaloriza e ganha força cada vez mais, para romper o ciclo da opressão. Esse é o legado que ela busca deixar de sua existência. Sem um/a filho/a para quem deixar a herança de sua sabedoria, essa personagem feminina negra deixa, entretanto, reflexões fecundantes para o fim da opressão de gênero e raça, que ainda vivemos na sociedade contemporânea. Sua atitude crítico-reflexiva permite a construção de novos valores — estéticos e éticos — para as pessoas negras, e especialmente, para as mulheres negras, apontando para um futuro mais positivo para elas.

## Referências

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude (2009). **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema do ensino**. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

CHARLES, Christopher; BLAY, Yaba (2011). Skin Bleaching and Global White Supremacy. **Journal of pan African studies**. Pennsylvania, Vol. 4, n. 4, pp. 4-46.

KINCAID, Jamaica (1996). **The Autobiography of My Mother**. New York: Farrar, Straus & Giroux.

MAHLER, Margaret; PINE, Fred; BERGMAN, Annie (1977). **O nascimento psicológico da criança: Simbiose e individuação**. Rio de Janeiro: Zahar.

STEVENS, Cristina (2015). “The body of the mother in contemporary black women narratives: (re)writing immanence towards transcendence.” **Ilha Desterro**. Santa Catarina, Vol. 68, n. 2, pp.93-101.

SWAIN, Tania Navarro (2007). Meu corpo é um útero? Reflexões sobre a procriação e a maternidade. In: Cristina Maria T. Stevens, (Org). **Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, pp. 201-244.

VASCONCELOS, Vânia (2014). **No colo das Iabás: raça e gênero em escritoras afro-brasileiras contemporâneas**. Tese (Doutorado) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Programa de Pós-Graduação em Literatura.